

VÍDEOS DO *YOUTUBE* COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

THE YOUTUBE VIDEOS AS TEACHING RECOURSE FOR TEACHING HISTORY TEACHING

BISPO, Luana Maria Cavalcanti
luanamcf@hotmail.com
UFPB - Universidade Federal da Paraíba

BARROS, Kelly Cristiane
kellybarros.pb@gmail.com
UFPB - Universidade Federal da Paraíba

RESUMO Visamos discutir até que ponto os vídeos que estão sendo disponibilizados no *Youtube* por cidadãos comuns (vídeos amadores) e até de natureza institucional podem contribuir com o processo de ensino-aprendizagem da disciplina História. O artigo foi dividido em três partes. A primeira trata a presença da tecnologia na prática do ensino de História. Na segunda parte, explicamos o que é esta ferramenta denominada *Youtube*, qual é a sua natureza, quando surgiu, como funciona e como e por quem ela está sendo utilizada. Em seguida, fazemos uma reflexão das possíveis contribuições que podem ser estabelecidas com a utilização de recursos tecnológicos nos vários níveis do ensino de História. Por último, tratamos os tipos de vídeo que podem ser utilizados em sala de aula, a fim de que eles dialoguem com os conteúdos e enriqueçam ainda mais o ensino.

Palavras-chave: Ensino de História. Memória. Redes Sociais. *Youtube*.

ABSTRACT We aim to discuss to what extent the videos being available on YouTube by ordinary citizens (amateur video) and even institutional, can contribute to the teaching / learning of the history discipline. The article was divided into three stages. The first deals with the presence of technology in the practice of history teaching. In the second phase, we explain what is this tool called Youtube, what is your nature, when it became, how it works and how and by whom it is being used. Then we will make a reflection of the possible contributions that can be established with the use of technological resources at various levels of the History of Education. Finally, we will deal about the types of video that can be used in the classroom, so that they dialogue with content and enrich further education.

Keywords: Learning of the history. Memory. Social networks. Youtube

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O cenário contemporâneo é composto de inovações tecnológicas que se (re)fazem a cada momento. Não sabemos até que ponto este ritmo de inovação se

manterá devido à perspicaz, criativa e “ilimitada” mente humana para fazer e refazer novos aportes e outros tantos espaços.

Entre esses espaços, o da internet possibilita o contato com lugares (NORA, 1993) nunca fisicamente visitados, com produções, imagens, vídeos, materiais que, quando bem apropriados, pensados através de uma função social, podem contribuir, por exemplo, com o desenvolvimento educacional e, conseqüentemente, social, cultural e econômico.

Pensando na proposta de nos atentarmos para a funcionalidade do *Youtube* como ferramenta a ser analisada e utilizada como recurso didático no ensino de História, que quando bem apropriada ao conteúdo das aulas pode surtir efeitos positivos no ensino-aprendizagem, partimos do pressuposto de que o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) em sala de aula permite ao professor estar mais próximo da linguagem do aluno, que aqui chamamos de nativos digitais (PRENSKY, 2001) – entendidos como aqueles que já nasceram no tempo em que a tecnologia e seus aportes já estão inseridos no seu cotidiano.

Nesta perspectiva, fazemos uma breve contextualização sobre a expansão do ensino de História a partir da quebra do paradigma de ensino com suporte exclusivamente em livros. Em seguida, refletimos sobre a natureza do *Youtube* e sua contribuição ao mundo educacional, para depois pontuarmos algumas propostas de trabalho com materiais audiovisuais encontrados neste site que podem ser levados para salas de aula do Ensino Fundamental, EJA, Ensino Médio e Ensino Superior.

2 REFLETINDO SOBRE O DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E AS PRÁTICAS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Em uma visão tradicional da História, trabalhar com fontes históricas era delimitar documentos de natureza oficial, escritos que pudessem atestar com precisão as informações sobre um determinado acontecimento. Essa era a base que legitimava o trabalho historiográfico e o conhecimento histórico a ser transmitido pelos professores e caracterizado como abordagem de caráter positivista.

De acordo com esta visão, o ensino de História desenvolvia-se através de metodologias factuais, com metanarrativas, em que o professor estava habituado a uma exposição cronológica dos acontecimentos políticos, principalmente, ligados

sempre às enfáticas representações de poder, a ícones nacionais, a heróis da história, datas comemorativas reprodutoras de determinada visão do passado. E os recursos? Estavam condicionados ao livro didático e, sobretudo, quadro, giz e voz, não se apostando na dinamicidade atrelada ao uso de documentos, filmes, músicas. O fundamental era a aprendizagem repetitiva, a tão conhecida “decoreba”, por isto, a fama da disciplina como enfadonha e sem sentido.

Com o passar do tempo, a História enquanto disciplina conseguiu novos espaços que possibilitou ampliar o campo da produção historiográfica e, tardiamente, o ensino de História. As novas fontes apresentadas à comunidade podem ser remetidas à explosão documental da década de 1960, à terceira geração da Escola dos Annales e, conseqüentemente, da Nova História Cultural, contribuindo com a inserção de novos olhares e discussões que ampliaram o interesse pela História Cultural e os seus saberes (FLORES, 2007). Entre os novos objetos, fontes e metodologias destacam-se as análises centradas nos cidadãos comuns que passaram a ser valorizadas como testemunhas de seu passado e dos grupos sociais ao quais faziam parte, como atores sociais e agentes históricos que podiam e deviam contribuir com a historiografia, por se verem mais próximos daquilo que era sendo narrado ou ensinado. Entretanto, no ensino de História, essa reflexão só veio a acontecer entre as décadas de 1980 e 1990, a partir do anseio por uma renovação da disciplina escolar.

As modificações ocasionadas na historiografia foram também trazidas para a sala de aula, entretanto, para alguns, as novas tecnologias e metodologias de ensino¹ foram recebidas com certa resistência, a exemplo do uso dos recursos audiovisuais, de documentos e, quando havia iniciativa dos professores, prevalecia o uso desses recursos como forma de ilustrar o conteúdo ou para entreter os educandos. Isto acontecia devido à falta de formação para uso dessas tecnologias. Profissionais que foram formados no século XX, por exemplo, não tiveram contato com tais recursos nas universidades ou faculdades, esta “formação” tem sido oferecida através de cursos de capacitação ou dos projetos de formações continuadas.

A indústria de tecnologia da informação e comunicação trouxe consigo influências no processo de ensino-aprendizagem devido à multiplicidade de aportes

¹ Referimo-nos a escolas públicas no estado da Paraíba nas quais lecionamos entre os anos de 2008 e 2015.

tecnológicos que foram sendo criados e possibilitaram conexões entre pessoas de diversas partes do mundo, conhecimento de espaços nunca visitados, mas explorados através da rede mundial de computadores. Mais do que isso, contribuiu para que o indivíduo pudesse colocar à prova o seu imaginário, ser produtor de conteúdos divulgados nas redes sociais, lugar da criatividade e da vulnerabilidade autoral.

A utilização de audiovisual em sala de aula não é novidade. Algumas experiências no ensino a distância foram estruturadas a partir desses recursos. Segundo Fernandes e Ferreira (2012), ainda na década de 1930, a Escola Nova sugeria a utilização de recursos audiovisuais. Com a criação do Instituto Nacional de Cinema Educativo, durante o Estado Novo, o Estado passou a financiar a produção de filmes educativos com o objetivo de instruir a juventude, ou seja, “muitos desses filmes promoviam uma prática ilustrativa. Eram usados como elementos construtivos de propaganda governamental e implementados para as massas como slogans ideológicos, de acordo com os interesses do Estado” (FERNANDES; FERREIRA, 2012, p. 4).

No Brasil, tivemos a experiência criada pela Fundação Roberto Marinho, popularmente conhecida como Telecurso. No início da década de 2000, houve uma reformulação deste programa de ensino a distância com a atualização dos materiais escritos e dos arquivos em vídeo que eram distribuídos para os centros de ensino e transmitidos em canal aberto nos vários canais das Organizações Globo.

Neste caso específico, o ensino de História teve seu conteúdo enriquecido com novas linguagens, como a linguagem teatral, mas não deixou de manter a velha característica de ensino em que um professor leva o conteúdo ao aluno através da palavra falada e com o auxílio do livro didático, repassando esse conteúdo ao aluno que o recebe passivamente. Na década de 1980, o videocassete entra em cena e passa, junto com a televisão, a complementar o que antes só era possível apenas no livro didático. Mesmo assim, o acesso a conteúdos específicos que hoje encontramos rapidamente em documentários, filmes, palestras, reportagens não era possível através da internet.

No início da década de 2000, a utilização de filmes como recurso didático tornou-se lugar-comum. Estávamos na era do “download”, fato que podemos observar nos finais de capítulos de livros didáticos, onde, ao lado de uma bibliografia

complementar para a leitura, os autores traziam e trazem indicações de filmes e documentários.

Segundo Behar (2000, p. 19), a utilização de audiovisuais no ensino de História é positiva, uma vez que “o cinema é uma fonte riquíssima para o historiador, pois tanto o que está no filme, como a história de sua produção, testemunham sobre a sociedade e seu tempo”. Entretanto, seu uso requer sempre uma postura crítica do professor que, infelizmente, em decorrência das condições de trabalho, acostuma-se a utilizar filmes como forma de entretenimento. Neste sentido, a autora (BEHAR, 2000, p. 22) nos alerta que “se o professor não estiver bem orientado e não souber orientar a leitura dos seus alunos, reproduzirá a velha e vazia pergunta: ‘O que vocês acharam do filme?’”.

Desde então, a tecnologia rapidamente evoluiu para integrar a internet ao espaço educacional como instrumento de ensino e fornecedora de conteúdos. Quantas vezes os professores não ouviram seus alunos falando que o melhor professor do mundo era o Google? Mas, como buscamos refletir neste artigo sobre a penetração dos instrumentos visuais nas metodologias de ensino de História, deixaremos este ponto para mais adiante.

A internet que muitos caracterizam como “democrática”, invade o cotidiano das pessoas a partir do uso contínuo das redes sociais, como o *Facebook*, o *Instagram*, o *Youtube*, o *Twitter*, causando dependências virtuais de consequências diversas. Colocamos a palavra democrática entre aspas porque uma simples pesquisa nos mecanismos de busca disponíveis na internet tende a mostrar os mesmos resultados, na medida em que o Google utiliza métodos que destacam as páginas mais visitadas ou “patrocinadas”, o que direciona as pesquisas e populariza o uso do CTRL + A/C/V (Seleciona, Copia e Cola) e do plágio.

Podemos analisar a utilização de vídeos postados no *Youtube* nos vários níveis de ensino. Segundo Mattar (2009), as Universidades norte-americanas já ministram cursos sobre o *Youtube* para educadores, como o curso “Youtube for Educators” (MATTAR, 2009, p.7), oferecido na *Boise State University* e disciplinas em curso de graduação, como a disciplina intitulada “*Learning from Youtube*”, ofertada na *Pitzer College* (MATTAR, 2009, p.5). Há experiências com resultados positivos e negativos com o *Youtube* enquanto instrumento de ensino-aprendizagem, ele destaca a resistência da própria Academia em adotá-lo.

Há alguns anos, entrou na pauta da educação a oferta de cursos de capacitação para professores e de formação continuada, ambos com o objetivo de discutir com os profissionais as metodologias e métodos diversos. Em João Pessoa, a Prefeitura Municipal oferece anualmente cursos de informática para professores em três etapas que têm como foco os educadores menos experientes em tecnologia (ao nível de iniciante) e etapas mais avançadas com a integração da metodologia de projetos. Ao fim destes cursos de capacitação, os professores receberiam *notebooks* ou *tablets* para uso pessoal e para contribuir com seu trabalho.

Os cursos de formação continuada, por outro lado, são ofertados sempre no segundo semestre de cada ano e são estruturados de forma tradicional, em que um profissional contratado através de um processo licitatório ministra aulas presenciais e com o uso de vídeos (filmes) inicia determinados debates e/ou utiliza em paralelo a aula presencial com suporte na plataforma *Moodle*² onde os professores postam atividades.

Os professores são estimulados a reproduzir as mesmas práticas tradicionais: um formador traz o conteúdo e ele recebe passivamente. É necessário esclarecer que, como profissionais que participam de ambos os projetos de capacitação, presenciamos a transformação dos encontros presenciais em verdadeiras sessões de terapia em grupo, para onde os professores levam seus problemas diários encontrados nas escolas, deslocando o foco dos projetos de capacitação.

E onde está a vulnerabilidade dessa capacitação? Na sua forma de fazer, pois é necessário repensar a metodologia de formação que está sendo compartilhada com os professores, visto que essa formação não deve ser apenas técnica, mas também social, em que eles possam conhecer a essência do uso das tecnologias e sua aplicabilidade, e pensar na sua função social. Para uma melhor apropriação, de acordo com Lúcia Amante (2011, p. 8):

Assim, acreditamos que a metodologia de formação pode constituir-se também como facilitadora da transferência das práticas que se entendem como desejáveis no dia a dia de trabalho do professor/educador. A estratégia de formação baseada no *isomorfismo pedagógico* e que Niza (1997, p. 25) define como “metodologia que consiste em experienciar, através de todo o processo de formação, as atitudes, métodos, capacidades e modos de organização que se pretende que venham a ser desempenhados nas práticas

² O *Moodle* é uma plataforma utilizada na educação a distância. Nela os professores podem disponibilizar os arquivos para as aulas *online* para que os alunos possam ter acesso às atividades, às leituras, às avaliações, às orientações.

profissionais” poderá a nosso ver constituir-se como um importante veículo não só na apropriação de saber mas de saber-fazer, de atitudes e valores inerentes à situação de aprendizagem.

Na educação a distância - EAD, plataformas de aprendizagem como o *Moodle*, utilizada pela Universidade Federal da Paraíba, por exemplo, são utilizadas para ofertar cursos de graduação e especialização. Nessa universidade, alguns professores já incorporaram a prática de disponibilizar vídeos do *Youtube*, vídeos tanto produzidos por terceiros quanto produzidos por professores e tutores a distância, através da postagem de *links* diretos ou arquivos inseridos na plataforma.

Nos cursos de graduação presenciais, as ferramentas tecnológicas têm se tornado cada vez mais presentes, fazendo de documentários, relatos de memória, reportagens, palestras, materiais didáticos complementares à aula, pois a partir do momento em que o professor e o aluno têm a oportunidade de ter contato com um material que ajuda a esclarecer o conteúdo da aula, enriquece o debate, auxilia na percepção das diferenças discursivas e amplia o conhecimento, proporcionando que o objeto e os sujeitos sejam vistos não apenas através do livro, mas a partir de outras narrativas. O documentário, por exemplo, cria a oportunidade de analisar a fonte e não apenas a construção epistemológica de sua análise, ou seja, o conhecimento de uma investigação já escrita nos livros.

E o que isso acarreta? Uma contribuição prática, em que o processo de ensino-aprendizagem não é apenas baseado em uma teoria pré-fabricada e simplificada, mas nas suas formas de construção, nos elementos que a compõem, pois estimulam-se questionamentos.

Segundo Rees (2008), a existência do *Youtube* trouxe vantagens através da oferta de vídeos curtos e disponibilização de arquivos de imagens e sons raros, como um discurso de um ditador, um clipe de música antigo, partes de documentários que integram o discurso oral com a apresentação de vídeos. Segundo o autor, é muito importante oferecer a possibilidade ao professor de montar seus materiais e guardá-los nas nuvens (*online*). Nos últimos anos se tornaram populares os serviços de armazenamento e partilha de arquivos, como o *Dropbox* e o *Google Drive*.

Outro exemplo prático é a possibilidade de ter contato com palestras que são realizadas em lugares diversos e disponibilizadas no *Youtube* para uso em qualquer tempo e espaço, sem que seja necessário baixar o vídeo (*fazer o download*) para o

seu computador e utilizá-lo como bem desejar. Do mesmo modo pode-se também disponibilizar algo seu para outras pessoas, ampliando o universo do debate e tendo a capacidade de estar fisicamente em um único lugar, mas virtualmente em vários.

3 MAS, O QUE É O YOUTUBE?

O *Youtube* é um site de entretenimento que popularizou o compartilhamento de vídeos na internet. Segundo Burgess e Green (2009, p. 9), é “o maior aglutinador de mídia da internet no início do século 21”, além de ser produto da cultura participativa e da chamada ágora virtual (LÉVY, 1994). Pelo ponto de vista da cultura participativa, “cada um desses participantes chega ao *YouTube* com seus propósitos e objetivos e o modelam coletivamente como um sistema cultural dinâmico: o *Youtube* é um site de cultura participativa” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 14).

Lançado há 10 anos, no *Youtube* o usuário pode cadastra-se, postar suas produções, criar listas de reprodução e comentar o material de outros usuários. Em 2006, foi comprado pela empresa *Google*, tornando-se ainda mais popular entre os sites semelhantes.

O *Youtube* foi considerado pela revista norte-americana *Time* em novembro de 2006 como a melhor invenção do ano por “criar uma nova forma para milhões de pessoas se entreterem, se educarem e se chocarem de uma maneira como nunca foi vista” (G1, Nov. 2006).³

Ao permitir que o usuário possa criar e compartilhar vídeos, o *Youtube* estabelece diversas naturezas de intenção. Alguns utilizam da ferramenta para promoção pessoal, outros como instrumento de entretenimento, divulgação de conteúdo sem fins lucrativos. Como lembramos anteriormente, o discurso caracteriza as redes sociais como um espaço democrático, amplo, que possibilita o usuário partilhar suas ideias, exercitar sua criatividade e mostrá-la para todo o mundo. A

³ Trecho retirado do artigo “O uso do Youtube como ferramenta de marketing: o caso Guaraná Antarctica”. Disponível em: < <http://www.uff.br/rpca/Volume%206/Guarana.pdf>> Acesso em 15 mar. 2012.

popularidade do *Youtube* é relacionada intrinsecamente a esta característica, de acordo com Burgess e Green (2009, p. 21), “foi a combinação da popularidade em grande escala de determinados vídeos criados por usuários e o emprego do *Youtube* como meio de distribuição do conteúdo das empresas de mídia que agradou ao público”.

Como rede social, o *Youtube* interage com outras redes sociais ao permitir que usuários dessas redes vinculem seus vídeos através da cópia de sua URL⁴ e posterior postagem na rede social ou disponibilizando em cada vídeo *links* para compartilhamento, incorporação em outros sites, como *blogs*, e envio por endereço eletrônico.

⁴ Em inglês URL é a abreviação de *Uniform Resource Locator*, que significa “Localizador Padrão de Recursos” em português.

Imagem 1 – Links de compartilhamento no *Youtube*.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=V3iSsjxHms>. Acesso em: 10 mar. 2015

Seu público constituente é diverso, inclusive pessoas que visam ao marketing pessoal; empresas que vinculam suas propagandas aos vídeos; aqueles que nada desejam, senão desfrutarem de uma ferramenta de entretenimento; aqueles que visam ensinar, instruir, formar ou aprender. Hoje, a ferramenta disponibiliza inúmeros videoaulas para concursos, para quem quer entrar na universidade, para aqueles que desejam qualificar-se, informar-se sobre conteúdo específico ou geral.

Para termos uma dimensão do conteúdo agregado pelo *Youtube*, colocamos no espaço de busca a palavra “história” e encontramos 16 milhões de vídeos que tratam, por exemplo, sobre a História de Israel, a relação entre Matemática e História, História da Religião, história da maconha, histórias institucionais, História judaica, História do Brasil etc. Um universo de vídeos elaborados por cidadãos comuns, por professores, por intelectuais, por instituições universitárias, por programas de televisão possibilitando o acesso a entrevistas, palestras, documentários, filmes. Encontramos, inclusive, análises críticas e, sobretudo, opiniões do senso comum.

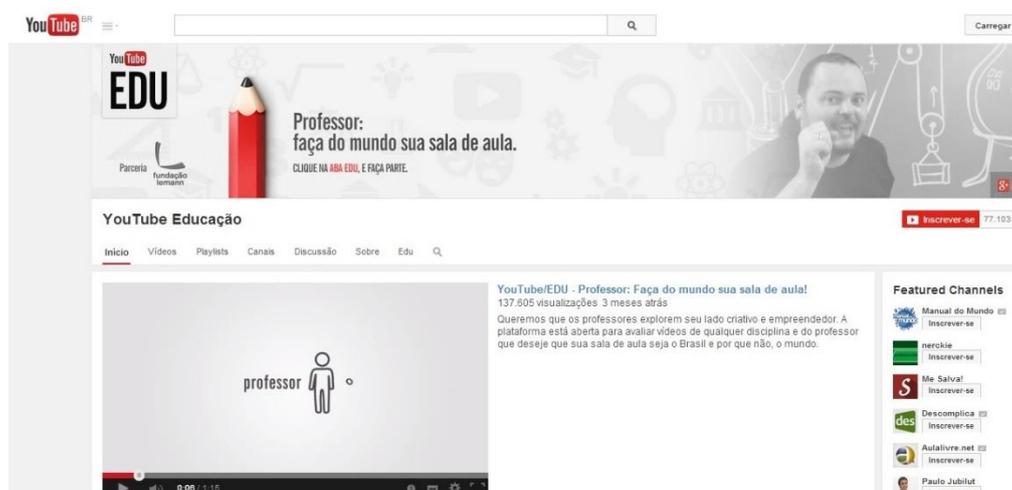
Destarte, ficamos a refletir: até que ponto o *Youtube* pode ser analisado como um espaço de memórias? Como a História pode utilizar essa ferramenta de maneira que ela contribua na perspectiva que pretendemos dar ênfase, enquanto recurso didático e enquanto fonte a ser trabalhada em sala de aula? Serão esses vídeos um saber/fazer histórico?

Assim como toda fonte, os vídeos do *Youtube* também devem ser

questionados, tendo em vista que a intencionalidade de seu uso são as mais diversas possíveis, inclusive da autopromoção, tornar-se famoso diante de uma informação, de um vídeo aula, de uma especulação ou de uma mentira.

Mattar (2009) cita diversas alternativas para o *Youtube*. Um projeto disponível no Brasil e em português está em uso há alguns meses: o *Youtube* EDU, vinculado ao *Youtube* e com ferramentas semelhantes.

Imagem 2 - Página do *Youtube* EDU.



Fonte: https://www.Youtube.com/channel/UCs_n045yHUiC-CR2s8Ajlwg/featured. Acesso em: 10 mar. 2015.

Segundo o conteúdo postado no site, esta plataforma tem como objetivo auxiliar alunos e professores:

Se você estiver fazendo uma pesquisa para um projeto, precisando de ajuda em sua tarefa escolar ou apenas querendo aprender algo novo, o Youtube Edu é o seu lugar!

Se você é professor, no Youtube Edu você poderá submeter suas videoaulas para publicação, ou ainda escolher outras aulas para utilizar com seus alunos! O projeto é uma parceria entre a Fundação Lemann e o Google, para a criação de uma página exclusiva do Youtube, na qual professores, gestores e alunos podem encontrar conteúdos educacionais gratuitos e de qualidade, em Português. A curadoria dos vídeos foi feita por professores especialistas e altamente capacitados, selecionados e coordenados pela Fundação Lemann. Atualmente, os conteúdos disponíveis são voltados para os níveis de Ensino Fundamental e Ensino Médio, englobando as seguintes disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências (Química, Física e Biologia), História, Geografia, Língua Espanhola e Língua Inglesa. (YOUTUBE, acesso em 10 ago. 2014)

Esta plataforma está aberta para qualquer professor inscrever-se e postar seus vídeos, entretanto, há algumas considerações a serem colocadas. O projeto tem como ponto central a qualidade do conteúdo, para isso, instituiu curadorias para avaliar as propostas, o que acreditamos que seja válido como filtro. O projeto defende uma visão de futuro para a educação que se baseia na autonomia do aluno na busca pelo conhecimento, neste ponto, destacam-se no discurso de seus idealizadores quatro pré-requisitos: conteúdo grátis, avaliado (curado), de alta qualidade e organizado, ajudando o usuário a navegar no mundo do excesso da oferta de conteúdo.

Observamos que, afora as diferenças regionais brasileiras, idealiza-se o professor com um novo perfil que pensamos como um professor/empreendedor, que constrói seus materiais audiovisuais, mantém uma postura de facilitador e auxiliador dos seus alunos que já nasceram na sociedade de tecnologia digital, os chamados nativos digitais. Segundo Presnky (2001, p. 1), os nativos digitais são aqueles que “passaram a vida inteira cercados e usando computadores, videogames, tocadores de música digitais, câmeras de vídeo, telefones celulares, e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital”. Somam-se a estas características um professor que posta suas aulas na internet, que deseja atingir o educando global e promover o conhecimento, possibilitar o contato com outros recursos que auxiliem os estudantes nas suas buscas das mais diversas naturezas em um efetivo processo de inclusão digital.

Na transição do professor tradicional para este novo professor, precisamos entender que saímos em desvantagem em relação aos nossos alunos, pois fazemos parte do que Presnky (2001, p. 2) denomina imigrantes digitais: “aqueles que não nasceram no mundo digital, mas em alguma época de nossas vidas, ficou fascinado e adotou muitos ou a maioria dos aspectos da nova tecnologia são, e sempre serão comparados a eles [os nativos]”.

Por outro lado, este professor/empreendedor pode também ser visto como professor/celebridade, que não deixa de realizar sua autopromoção, principalmente quando atinge um número determinado de visitas diárias, semanais, mensais que possam garantir retorno financeiro ou simbólico. É neste momento que se começa a pensar no comércio das ideias, como no exemplo de profissionais que conquistam rapidamente o seu leitor/expectador com um vídeo de curta duração e oferece um

conteúdo mais aprofundado através da venda de *e-books* ou livro impresso, disponível para venda, inclusive pelo *Facebook*.

4 O YOUTUBE COMO RECURSO DIDÁTICO: COMO PENSAR, COMO USAR?

No Youtube encontramos uma grande quantidade e variedade de conteúdos, fato que associamos à internet em si⁵, e que não nos dá a dimensão daquilo que podemos encontrar nas “nuvens”, lugar onde arquivos das mais variadas espécies estão hospedados nas invisíveis memórias artificiais, nos *mainframes*. Neste universo, fomos em busca do que poderia ser útil ao ensino de História e que contribuísse para o fortalecimento da construção de uma consciência crítica e histórica, entendendo consciência histórica como “o estabelecimento do sentido da experiência no tempo (...), pressupõe o indivíduo existindo em grupo” (CERRI, 2011, p. 30).

O trabalho com estes recursos exige o saber prático (o como usar), para que eles não sejam usados em sala de aula como uma ferramenta exclusivamente de ilustração. Este tem sido um dos problemas com o seu manuseio e, quando não, há ainda resistência por parte dos professores mais antigos que não tiveram uma formação para uso desses recursos didáticos, por isto o estranhamento. Por isso, são necessárias capacitações que os ensinem a ensinar através da construção de seus materiais e a utilizá-los.

O que se propõe a cada cidadão do futuro — e, portanto, a cada aluno e a cada professor — é não só consumir, mas também produzir. É não só produzir, mas também interagir. E deste modo, integrar-se em novas comunidades, criar novos significados num espaço muito mais alargado, desenvolver novas identidades (MELLO, 2002, p. 87-88).

E por que isto é importante para o ensino de História? Um dos nossos desafios é trazer o aluno para a aula, ou seja, despertar nele o interesse pela História, que, como já mencionamos anteriormente, sempre foi rotulada como a disciplina de

⁵ Há algum tempo vem se discutindo a Deep internet ou Deep Web, que esta associada “às profundezas da internet” onde podem ser encontrados conteúdos privados acessado com login e senha, considerados criminosos, como pornografia e terrorismo, acessado por hackers e pessoas com conhecimento específico.

decorar fatos e datas. Trabalhar com a tecnologia em sala de aula é ter acesso à linguagem que os jovens utilizam cotidianamente. Assim, além de contribuir com o conteúdo que está sendo transmitido, devido às possibilidades de trabalho com a imagem, é uma maneira de trazer o aluno para perto, despertando potencialidades a partir da dinâmica que ele conhece e se sente à vontade.

O avanço tecnológico no campo das comunicações torna indispensável e urgente que a escola integre esta nova linguagem audiovisual - que é a linguagem dos alunos - sob pena de perder o contato com as novas gerações (BELLONI, 2001, p.69).

Uma das dificuldades do uso do material do *Youtube* é a qualidade dos vídeos, pois nos deparamos, muitas vezes, com excelente conteúdo, mas apresentação mediana. Como afirmam Burgess e Green (2009, p. 22), esta é uma política desde seu surgimento, pois “o *Youtube* sempre direcionou seus serviços para o compartilhamento de conteúdo comum e amador, em vez de disponibilizar vídeos em alta qualidade”. Quem primar pela qualidade dos vídeos, sugerimos a pesquisa e a comparação do *Youtube* com o *Vimeo*⁶, site que também disponibiliza conteúdo em vídeos, mas com melhor qualidade visual.

5 O CAMINHO A SER PERCORRIDO: METODOLOGIA

Metodologicamente, a inserção dos vídeos do *Youtube* no ensino de História pode ser o meio para o despertar da consciência histórica, a partir de um trabalho que percorra um caminho que signifique os documentários, os filmes, as entrevistas dentro do conteúdo a ser ministrado em sala de aula, de maneira que se possa “desenvolver estratégias de ensino e aprendizagem que estabeleçam limites no consumo de informação e tecnologias, sem que isso signifique a sua negação” (ARRUDA, 2013, p. 236).

E por onde começar? Um aspecto que dificulta a utilização é a falta de planejamento dos professores. Quando há um plano de curso bem elaborado, os conteúdos das aulas ficam amarrados aos recursos, pois é necessário ter um

⁶ Para conhecer melhor esta rede de compartilhamento, sugerimos um Guia Prático sobre o *Vimeo* (HUMANTECH, 2012).

propósito na sua utilização em sala de aula. Todavia, os professores também podem fazer o percurso inverso, ou seja, ao invés de encontrar um vídeo que seja adequado a sua aula, ele pode fazer da aula, de um projeto ou do que está sendo ensinado um vídeo, em que os alunos produzirão um material sobre determinado assunto e os disponibilizarão na internet.

As escolhas dos vídeos do *Youtube* devem estar ligadas ao conteúdo que será explorado em sala de aula. Não devem ser introduzidos de maneira isolada, sem que haja um processo de reflexão, de apropriação, de uma visão crítica por parte do professor, que deve levar os alunos a refletirem quanto ao assunto que está sendo apresentado. Ou seja, o vídeo é um recurso didático, mas o seu conteúdo deve ser objeto de análise para a aula, se possível, levando o aluno a refletir enquanto sujeito.

Vejamos alguns bons exemplos de uso do *Youtube*. Neste sentido, pontuamos por segmento de Ensino (Fundamental, EJA, Ensino Médio e Ensino Superior) alguns tipos de recursos audiovisuais postados no *Youtube* como forma de nortear, complementar, enriquecer os conteúdos ensinados em sala de aula.

5.1 Ensino Fundamental

A História Local, entendida aqui como a História do Estado, da cidade, do bairro, é ministrada segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de História (1998) durante o 6º e 9º ano do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. A abordagem próxima da história de vida, dos lugares que os alunos fazem parte, possibilita extrapolar o caráter conteudista a partir de um processo dinâmico estabelecido por metodologias de ensino que permitem que os alunos se vejam como sujeitos históricos, agentes no processo de ensino que deve ser consciente, contribuindo para o despertar do senso crítico e, conseqüentemente, para um exercício mais apropriado da cidadania.

Este ensino de História Local, ao utilizar estratégias que extrapolam o muro das escolas, pode chegar através do uso das redes sociais numa proporção bem maior ao atingir diversos públicos e espaços como, por exemplo, a divulgação do trabalho desenvolvido por um professor de uma escola estadual em Campina Grande que

propôs aos alunos a construção da História do Bairro a partir da História Oral e o uso de outras fontes, em que os alunos puderam gravar e disponibilizar no *Youtube*⁷.

Essa atividade pode ser entendida como um saber-fazer histórico, pois os alunos atuaram como “historiadores amadores”, pesquisando e construindo uma narrativa em que o vídeo pode ser visto como uma fonte e para o professor como resultado e objeto do processo de ensino-aprendizagem. É interessante que o professor incentive a autonomia e aproveite os conhecimentos dos alunos, ajude-os a fazer um roteiro, a serem eles próprios diretores e produtores de seu vídeo, faça-os perceber a realidade como elemento importante para a identidade, estimulando-os a serem observadores da realidade e narradores de suas memórias e das memórias de suas comunidades.

5.2 Ensino Fundamental e Ensino de Jovens e Adultos – EJA

Alguns vídeos institucionais podem ser usados em sala de aula, a exemplo dos produzidos pelo Ministério da Educação, Secretaria de Ensino a Distância e Fundação Joaquim Nabuco, disponibilizados através do programa TV Escola. Eles podem ser trabalhados no Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos devido à linguagem mais acessível e sua dinâmica de animação que contempla, por exemplo, conteúdos como o da História Colonial no Brasil que começa a ser vista no 8º ano.

A partir da Cultura Popular, os vídeos apresentam o período colonial no Brasil através da arte de bonecos, com uma linguagem acessível, em um formato de reportagem televisiva com correspondentes do/no passado, em que um diálogo entre passado e presente é estabelecido para a construção da narrativa, atentando-se para a questão temporal (continuidades ou rupturas).

⁷ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LHzInluPOAI>. Acesso em: 08 de set. 2014.

Imagem 3 - TV ESCOLA. Cana de Mel, Cana de Fel. 13 min.



FONTE: Youtube. Disponível em: <https://www.Youtube.com/watch?v=V3iSsjxhlms>. Acesso em: 18 ago. 2014.

Na imagem 4, vemos outro exemplo para o Ensino Fundamental e o EJA. É o vídeo que, apesar de não ser institucional, aborda o conteúdo de História Geral de fácil acesso pelo *Youtube*. Nessa série de vídeos, não apenas a política é tratada, mas há exposição de conceitos fundamentais para a cultura ocidental, como beleza, esporte, ética, filosofia, arte que são trabalhados durante as aulas tradicionais sobre a história das civilizações antigas.

Imagem 4 – Vídeo sobre a Grécia antiga.



Fonte: Astrolab Motion/Sol90Audivisual, 2009.11 min. Disponível em: <https://www.Youtube.com/watch?v=Y1xL9V7oJPc>. Acesso em 18 Ago. 2014

A utilização de vídeos foi enriquecida pela perspectiva da infogravura, que possui uma linguagem mais dinâmica, que introduz o conteúdo em textos escritos curtos, narrados em pequenos vídeos de onze minutos, possibilitando a estruturação da aula com a combinação de tempo para o vídeo, tempo para o diálogo e tempo para a proposição de atividade.

Segundo Módolo (2007, p.1), o infográfico é um recurso de comunicação que

[...] vale-se, especialmente, do texto visual para transmitir a sua mensagem. Os elementos visuais, aliados ao texto verbal enxuto e reduzido, parecem cumprir o papel de recursos informativos tão eficazes quanto as matérias em que a parte escrita é privilegiada.

5.3 Ensino Médio

No ensino regular, a fase etária que compreende o Ensino Médio, vai dos 14 aos 17 anos, período da adolescência, de dúvidas, de inquietações, do querer autonomia; para alguns, uma fase de rebeldia, de desatenção, mas, ao mesmo tempo, uma fase de decisão para um novo passo que é o Ensino Superior. Esta é uma fase em que os professores precisam trazer o aluno para o que está acontecendo em sala de aula, adequando-se a uma metodologia que o aproxime do presente e o faça iniciar seus planos para o futuro, por isso, é necessário sermos dinâmicos e criativos sem perdermos o objetivo da organização escolar da qual fazemos parte.

Uma das propostas é o trabalho com documentários. Como exemplo, escolhemos um documentário sobre os 20 anos de repressão que aborda a Ditadura Militar no Brasil (FALCÃO; MARIALVA; PONTES, 2008) através de uma narrativa construída por imagens, depoimentos de pessoas que sofreram nesta época de arbitrariedades diversas. Podemos, assim, nos fazer valer dos sentimentos de injustiça e desejo de ação próprios da adolescência.

Esse documentário nos permite ter acesso à memória de uma época bastante conturbada da História do Brasil e pode servir também como um estímulo para que os alunos desenvolvam algum tipo de atividade com familiares, amigos, vizinhos que viveram durante essa época e possuem memórias a serem relatadas. Essa atividade pode ser conduzida pelos alunos a partir de entrevistas, da elaboração de uma narrativa em quadrinhos, de uma filmagem em que eles possam refletir sobre a natureza do governo e suas estratégias de governar, entender como a sociedade encarava e o que há de diferente com a que vivemos hoje e, principalmente, sobre o papel do esquecimento, do silêncio que se perpetua até os dias de hoje. Ao final, a atividade construída em grupos pode ser apresentada em sala de aula para os outros colegas e o professor.

Outros materiais que também pode ser utilizados no Ensino Médio são filmes e reportagens. Por exemplo, o filme “A Onda”, do diretor Dennis Gansel (2008), possui uma visão política do século XX com aspectos que podem analisar tanto a perspectiva do aluno, como a perspectiva do professor. Trata de governos autoritários no século XX, participação política, concepções ideológicas, características dos regimes totalitários. Esse filme acaba sendo útil não só para o aluno que se vê como protagonista da história, mas para o professor que também reflete sobre o seu papel na formação política dos adolescentes.

5.4 Ensino Superior

O curso de licenciatura em História tem como objetivo formar profissionais para a sala de aula, principalmente para a Educação Básica. É o lugar onde temos contato com a Teoria da História, suas diversas abordagens historiográficas e conteúdos que abordam a História Antiga, Medieval, Contemporânea, História do Brasil, História da África e História local, entre outras disciplinas obrigatórias e optativas que são ofertadas de acordo com a matriz curricular dos cursos. Além dessas, também são obrigatórias as disciplinas de educação, tais como Práticas de ensino de história, Didática, Estágios supervisionados.

Na formação superior, o ensino é mais denso, a historiografia é apresentada a partir de leituras científicas, cabendo ao aluno dominá-las em sala de aula através de uma didática que, segundo Cunha (2011, p. 224), “[...] são processos educacionais nos quais se estabelecem uma relação entre professores, alunos e um saber”. Para o senso comum, essa didática representa a forma ou não que o professor tem em conduzir a aula, seu timbre de voz, o domínio do conteúdo, sua metodologia, sua expressão, seu envolvimento, por isso, costumamos ouvir que tal professor tem boa didática ou não.

O uso dos vídeos do *Youtube* tem sido feito em sala de aula como fonte, como saber histórico, como uma metodologia, como material complementar que auxilia no conhecimento ministrado, no despertar da consciência histórica. Ao utilizá-lo, o professor precisa estar ciente da sua função na abordagem proposta, para que ele não seja, como já mencionamos, um passatempo para aquele professor que não planejou sua aula.

Devemos lembrar que as práticas desenvolvidas em sala de aula tornam-se parâmetros ou não para os alunos exercerem suas práticas futuras enquanto professores. Por isso, instruí-los quanto ao uso dos materiais também é papel do professor. Não compete apenas às disciplinas de educação saber ensinar, pois não há uma receita pronta para isso, embora, haja técnicas. A aprendizagem é contínua e pode ser desenvolvida por quaisquer profissionais com competência para lecionar, partindo de um planejamento claro e simples.

Ao utilizarmos os vídeos disponíveis no *Youtube* podemos encontrar, por exemplo, entrevistas como a do historiador Eric Hobsbawn (TRABUCO, 2014) em que o entrevistador fez perguntas sobre sua concepção de futuro, de história, da história do tempo presente que pode ser problematizada em sala de aula.

Além das entrevistas, encontramos também palestras, como a que foi proferida pelo professor e historiador José Carlos Sebe Bom Meihy que fala sobre o tema "Memória, História Oral e Diferenças" em encontro promovido pelo Sesc Memórias, no dia 30 de julho de 2009. A abordagem trabalhada por Sebe pode ser utilizada em diversas disciplinas, desde Introdução aos Estudos Históricos, a Metodologia de Pesquisa, Teoria da História, se o professor desejar ressaltar a relação entre História e Memória, a História Oral enquanto método, metodologia, fonte ou até mesmo sobre as noções de Patrimônio. O campo é abrangente e as possibilidades também.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos numa era em que as projeções tecnológicas alcançaram um patamar que não é o mais alto por estar sempre em desenvolvimento, mas o suficiente para construir ou desconstruir relações e promover novas modalidades de interações sociais, por isto, cabe aos indivíduos saber a função desses suportes tecnológicos, a exemplo do que a internet pode proporcionar diante de suas possibilidades de conhecimento.

Consideramos que aliar a tecnologia com o ensino de História é uma estratégia válida que pode proporcionar resultados positivos se bem apropriada. Entretanto, fica a orientação para o profissional que deseja utilizar essas novas ferramentas: nunca use o filme ou vídeo para substituir o texto escrito; não use o filme ou vídeo sem

dominar o tema de que trata o mesmo; não use o filme ou vídeo sem roteiro de trabalho (BEHAR, 2000).

Apesar da distância temporal e do foco apenas na utilização do cinema em sala de aula que o texto de Regina Behar (2000, p. 31) aborda, será que não podemos ser aliados da tecnologia e sonhar com um modelo ideal de ensino que a autora nos coloca quando diz que com uma boa utilização dos filmes no ensino podemos conseguir “romper com o tipo de espectador passivo, construindo um apreciador crítico, capaz de interpretar imagens que lhe chegam diariamente pelos aparelhos de televisão e por outras telas que invadiram o mundo”?

Pensamos que, na realidade da sala de aula, necessitamos assumir nossa postura de professor/empreendedor para dialogar de forma mais eficiente com nossos alunos, os nativos digitais, adequando a linguagem deles a nossa experiência, assumindo que temos deficiências ao utilizarmos os recursos tecnológicos que hoje em dia estão sendo manuseados por tantos deles.

O uso dos vídeos do *Youtube* na sala de aula enquanto recurso didático e até mesmo como fonte no ensino de História exige uma apropriação adequada que só é alcançada com um bom planejamento. Nesse planejamento, pensamos o estudo prévio da realidade dos alunos, inclusive, das possibilidades e contribuições que a escola também pode oferecer à comunidade escolar. É necessário estar atento às potencialidades da turma, ou seja, com o que eles mais se identificam, tanto quanto onde estão suas dificuldades, buscando utilizar os vídeos dentro de uma abordagem que contribua com o processo de ensino, a exemplo daqueles que trabalham com a questão das temporalidades, do entendimento de suas continuidades e rupturas. Esses são pequenos passos que contribuem para o despertar da consciência histórica e para o amor pelo conhecimento que, ao ser despertado, apropriado, identificado em nosso comportamento, permite o exercício de uma cidadania mais equânime.

LUANA MARIA CAVALCANTI BISPO

Graduada em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Especialista em Turismo de Base Local - UFPB. Mestre em História pela UFPB. Trabalha com os temas Ensino de História, Educação Patrimonial, História Local, Turismo de Base Local, Memória, Patrimônio.

KELLY CRISTIANE BARROS

Graduada em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre em Ciência da Informação - UFPB.

REFERÊNCIAS

- AMANTE, L. Tecnologias digitais, escola e aprendizagem. *Ensino Em Re-Vista*, Uberlândia, v.18, n. 2, p. 235-245, jul./dez. 2011.
- ALMEIDA, J. M. F. de. Breve história da internet. Braga, Portugal. Universidade do Minho, Departamento de Sistemas de Informação, Out. 2005. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/3396>>. Acesso em: 24 jul. 2014.
- ARRUDA, E. P. Ensino e aprendizagem na sociedade do entretenimento: desafios para a formação docente. *Educação* (PUCRS. Impresso), Porto Alegre, v. 36, p. 232-239, 2013.
- A ONDA. Direção: Dennis Gansel, Produção: Christian Becker, Alemanha, 2008, 1 DVD.
- BEHAR, R. M. R. *O uso do vídeo no ensino de História*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2000.
- BELLONI, M. L. *O Que é Mídia-Educação*. Campinas-SP: Autores associados, 2001.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: História. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998.
- BURGESS, J.; GREEN, J. YouTube e a revolução digital. São Paulo: Aleph, 2009.
- CERRI, L. F. *Ensino de história e consciência histórica. Implicações didáticas de uma discussão contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV, 2011.
- CUNHA, A. V. C. S. Diálogos com o cavaleiro inexistente: o ensino de história enquanto campo de pesquisa. *Revista História e Ensino*, v.2, n. 17, 2011, p. 219-234.
- FALCÃO, C.; MARIALVA, C.; PONTES, F. Z. Documentário Ditadura - 20 Anos de Repressão, 2008. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ERUBZOJOp-4>> Acesso em: 08 set. 2014.
- FERNANDES, M. R.; FERREIRA, M. N. B. Vídeo documentário: um instrumento do ensino-aprendizagem de história. Encontro Estadual de História do Ceará (13). Anais.Sobral, Ceará, 2012. Disponível em: <http://www.ce.anpuh.org/1341026093_ARQUIVO_ArtigoVideodocumentarioAnpuh.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2014.

FLORES, E. C. Dos feitos e dos ditos: História e cultura histórica. *Saeculum – Revista de História*, João Pessoa, v. 13, n. 16, p. 83-102, jan./jun.2007.

HUMANTECH. *Vimeo*, guia prático. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/humanslide/vimeo-12560932>. Acesso em: 23 ago. 2014.

LÉVY, P. *As Tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MATTAR, J. *Youtube na educação: o uso de vídeos em EaD*. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.joaomattar.com/Youtube%20na%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20o%20uso%20de%20v%C3%ADdeos%20em%20EaD.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2014.

MELLO, G. N. O Espaço das Políticas Educativas na Sociedade do Conhecimento: em busca da sociedade do saber. In: PROST, A. et al. (Org.) *Espaços de Educação, Tempos de Formação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. p. 69-97.

MÓDOLO, C. M. Infográficos: características, conceitos e princípios básicos. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste (12). *Anais... Juiz de Fora*, 2007. Disponível em: http://ddiprojeto2.xpg.uol.com.br/infograficos_caracteristicas_conceitos_e_principios_basicos.pdf. Acesso em: 23 ago. 2014.

NORA, P. Entre memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 07-28, dez. 1993.

PRENSKY, M. *Nativos digitais, imigrantes digitais*. NCB University Press, v. 9 n. 5, out. 2001. Disponível em: <http://poetadasmoreninhas.pbworks.com/w/file/60222961/Prensky%20-%20Imigrantes%20e%20nativos%20digitais.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2014.

REES, J. Teaching history with Youtube. *American Historical Association*. May, 2008. Disponível em: <http://www.historians.org/publications-and-directories/perspectives-on-history/may-2008/teaching-history-with-Youtube>. Acesso em: 10 ago. 2014.

SESC. Memória, História Oral e Diferenças. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QvPyJ-OjsuM>. Acesso em: 08 mar. 2015.

TRABUCO, Z. Entrevista com o Historiador Hobsbwam. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UTpM0ELkpPc>. Acesso em: 05 dez. 2016.